

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Dor, projeto, profissionalização. Um estudo no atletismo.

Michelle Carreirão Gonçalves y Alexandre Fernandez Vaz.

Cita:

Michelle Carreirão Gonçalves y Alexandre Fernandez Vaz (2009). *Dor, projeto, profissionalização. Um estudo no atletismo. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1904>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Dor, projeto, profissionalização

Um estudo no atletismo¹

Michelle Carreirão Gonçalves (UFSC/CNPq, Brasil)²

Alexandre Fernandez Vaz (UFSC/CNPq, Brasil)³

É enorme o destaque que o esporte ocupa na sociedade contemporânea, seja na esfera do entretenimento, quando assume a forma de espetáculo, da economia, ao tornar-se um lucrativo mercado, dos valores morais, quando os ideais do *fair play* são exaltados. Também não se pode esquecer a posição do corpo no esporte, seu instrumento por excelência, tanto no que diz respeito às questões estéticas, quando os atletas são tomados como exemplos de beleza, quanto *performáticas* (quando são exemplos de potência). Sobre este último ponto, podemos dizer que o esporte representa uma das formas privilegiadas de disciplinamento, domínio e potencialização do corpo, por meio de um conjunto de técnicas cientificamente elaboradas, processo que conhecemos como treinamento esportivo.

Neste trabalho, ocupamo-nos de procurar mais bem entender como o esporte e seu treinamento (com suas técnicas, sacrifícios e rituais) conformam subjetivamente quem a eles se

¹ O trabalho é resultado parcial do projeto Teoria Crítica, Racionalidades e Educação II, financiado pelo CNPq (Auxílios pesquisa, bolsas de produtividade em pesquisa, apoio técnico, doutorado, mestrado e iniciação científica).

² Mestre em Educação PPGE/UFSC. Bolsista Apoio Técnico CNPq. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC)

³ Doutor em Ciências Humanas pela Leibniz Universität Hannover. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Pesquisador CNPq. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea.

submete, delimitando identidades por meio da necessária instrumentalização corporal, exigência tanto do treinamento, quanto da performance competitiva.

Para tal, tomamos como objeto de estudo o atletismo, esporte olímpico por excelência e modalidade na qual as relações instrumentais com o corpo se colocam com maior clareza, talvez porque lhe seja menos freqüente o momento de jogo presente em esportes coletivos. Assim, apresentamos aqui os resultados de uma pesquisa com atletas adultos semi-profissionais⁴ de atletismo, com foco nas técnicas, sacrifícios, formas de significação da dor e outros elementos que conformam um estilo de vida.

Realizamos observações sistemáticas de treinamentos e competições de atletas de pista, entrevistas narrativas com protagonistas da modalidade (atletas, ex-atletas e técnico). Nas próximas páginas apresentamos alguns apontamentos referentes à dinâmica própria do atletismo, tendo como enfoque as formas de subjetivação derivadas da prática esportiva (onde a dor e o sofrimento desempenham importante papel), bem como os movimentos intermitentes entre profissionalização e amadorismo que desembocam na forma de projetos de vida.

1. O caráter sacrificial do treinamento

Ao longo das observações anotadas em caderno de campo, notamos como a dor e sua superação estão presentes nas sessões de treinamento de atletismo, bem como a freqüente fadiga derivada do árduo trabalho corporal, o que tende a gerar, muitas vezes, algumas lesões, já que o intenso treinamento esportivo acaba por produzir um desgaste corporal:

Eduardo não treina nesse dia. Ele me diz que está com uma íngua na virilha e que nem consegue andar direito por causa disso. Como falta pouco mais de uma semana para o JASC⁵, ele foi ao médico para achar uma solução rápida para o problema: "Eu falei pro médico 'minha perna pode tá infestada, mas eu quero um remédio que não faça eu sentir dor quando levantar a perna, porque eu preciso correr o JASC!'. Ele reclama que mal se recuperou de uma lesão e que já apareceu outro problema em sua perna, mas mesmo assim vai competir⁶.

A dor causada pelas lesões é algo perturbador aos atletas. No entanto, eles demonstram que ela deve ser superada, já que as lesões são um elemento a mais na rotina de treinamento, mais um obstáculo a ser vencido, pois os corredores, assim como foi observado em relação aos pugilistas, "devem também aprender a controlar e a conviver com o desconforto físico, com a dor e com os ferimentos." (WACQUANT, 1998, p. 82).

⁴ Três atletas e um ex-atleta.

⁵ Jogos Abertos de Santa Catarina, principal competição esportiva daquele estado.

⁶ Diário de campo 2, pág. 36, outubro de 2005.

Sobre isso, podemos dizer que há no esporte a presença de um aspecto masoquista, se pensarmos em suas características como “excessos tolerados” (ADORNO, 2001, p. 76): violência, sofrimento, e um forte discurso (e prática) disciplinador, no qual a obediência aos modelos de treinamento e às regras se aproxima, muitas vezes, do incondicional. A técnica, neste contexto, pode ser considerada como uma maneira de organizar a dor e o sofrimento, potencializando o corpo e seu rendimento.

A valorização da dor e do sofrimento em práticas corporais como o atletismo, acaba por corresponder a um certo *culto às lesões* – caso observado no decorrer da presente pesquisa –, quando as machucaduras aparecem como motivo de orgulho para seus portadores, a partir de uma valorização das “marcas” deixadas pelo constante e duro treinamento corporal, espécie de “prêmio” pelo trabalho realizado. Aliado a isso, tem-se ainda uma visão de normalidade no que diz respeito ao *dilaceramento corporal*:

Jean fica ali mesmo na pista. Ele conversa com Jairo [treinador] e com Gustavo [faz as vezes de auxiliar técnico e trabalha com as categorias de base] sobre sua lesão. É interessante perceber que essa conversa lhes é muito familiar. Todos falam de suas próprias lesões com um aparente orgulho.

Este fato parece ir ao encontro do que Wacquant (1998) afirmou sobre os lutadores de boxe, pois os atletas, assim como os pugilistas

têm a sua disposição um rico 'vocabulário de motivo' que lhes permite enfrentar a dor (...) não por meio da denegação silenciosa, mas pela valorização pessoal e pela solenização coletiva. Para o lutador profissional, a dor é um correlato inevitável do exercício profissional adequado, e um meio indispensável para atingir os fins perseguidos. (p. 82).

Além disso, foi possível notar uma certa banalização da dor entre os atletas, sendo que esta, muitas vezes, é vista como algo normal, corriqueiro, assim como as lesões, já que “*É normal se machucar mesmo.*” (Letícia, atleta). As lesões se tornam tão comuns, tão normais, que há até uma certa “permissão” para se machucar, mas só se for durante a prática do atletismo: “*Então, o que eu fiz aqui foi também cuidar com outras modalidades. Pra não me machucar, a não ser com o atletismo.*” (Eduardo, atleta).

Ver normalidade na dor, como um simples obstáculo cotidiano que deve ser dominado, esquecido e superado, transforma substancialmente a função e o significado dela para a vida, já que a dor é um aviso de que algo está errado, uma espécie de alarme do corpo na tentativa de manter-se vivo.

E eu machuquei o joelho no meio da prova dos Jogos Abertos, no salto em distância. Tive uma lesão... Não foi grave a lesão. Foi uma luxação no menisco. Algo assim. Só que eu não conseguia nem andar. No meio do salto em distância. Mas aí entrou um médico lá, jogou um monte de coisa... Jogou até éter no meu joelho. (Juliana, ex-atleta)

Não é incomum atletas terem prazer na dor sentida durante e após o treinamento, o que, de certa forma, segundo eles mesmos, representa que o treino *rendeu*. Isso também é observado em outras práticas corporais, como a musculação e as lutas, por exemplo, quando também a dor é glorificada e combatida, certificação do mérito do esforço e da dilcaração corporal. A dor que passa então a ser vista como normal e também fonte de gozo aos ser tomada como um indicador de que o trabalho foi bem sucedido. Até porque, para se alcançar o ideal almejado (esteticamente ou performaticamente), é preciso merecê-lo, e o sofrimento é o “preço a ser pago” (ibid, p. 144).

A dor parece desempenhar um importante papel na conformação subjetiva dos atletas, o que não poderia ser diferente, já que o esporte é expressão da violência infligida ao homem (corpo) no processo de construção de si, na forja do ego. A separação entre corpo e mente resultante desse processo, traz à tona a necessidade de um extremado controle corporal, o que se justifica pela autoconservação do sujeito. Assim como o herói Ulisses, o atleta precisa sacrificar-se, dedicando-se plenamente ao esporte e aceitando suas regras (e aqui nos referimos às do treinamento, como dores, lesões, abdições, entre outras), a fim de experimentar, depois de muita renúncia, algum tipo de gozo ou prazer (representado, geralmente, pela vitória). A violência sobre si termina por subjetivar-se nos atletas, o que faz com que eles valorizem características como a disciplina e a agressão, podendo gerar, como dito anteriormente, numa certa compulsão à crueldade. Além disso, a falta do aspecto lúdico, no caso do atletismo, onde não há jogo, nem bola, tende a ampliar ainda mais o sentido de sofrimento para os atletas, já que o trabalho é sempre muito repetitivo, instrumental e solitário. É por isso que talvez seus praticantes tenham, na maioria das vezes, uma postura ascética, onde disciplina e domínio do corpo são super-valorizados.

2. Projeto e estilo de vida: o caso da profissionalização

Os registros do diário de campo mostram um tempo muito extenso dedicado ao esporte, algo que pode ser observada pelos constantes momentos de fadiga e dor presentes no cotidiano do

treinamento. Sendo assim, parece ser importante, na dinâmica do atletismo, passar muitas horas do dia e muitos dias da semana na pista, treinando, numa dedicação quase integral ao esporte:

Enquanto o técnico passava as instruções para Letícia e Fernando (ele explicou como seria o treino do dia, sexta-feira, e o treino de sábado), a primeira perguntou qual seria o treino do domingo e ele respondeu que nenhum, que o domingo era para descansar. Insatisfeita, ela argumenta que tinha ficado a semana inteira sem treinar por causa da chuva e que, por isso, queria treinar no domingo. Jairo ri e a princípio não aceita, porém acaba cedendo ao pedido e diz que ela faça no domingo o mesmo que deverá fazer na segunda.

Esta questão parece apontar para a centralidade que o esporte tem na rotina de seus praticantes, sendo responsável por conformar um certo *estilo de vida* marcado pelo controle corporal (uma postura ascética), pelo caráter sacrificial e pela busca constante da *performance*. Ser atleta exige, como diz César Sabino (2000) sobre o contexto das academias de ginástica e musculação, uma “dedicação quase monástica” (p. 90), pois para se alcançar o objetivo pretendido (o aprimoramento técnico, no caso dos atletas pesquisados, e a forma física almejada, no caso dos praticantes de musculação), é necessário seguir regras relacionadas à alimentação, ao esforço físico repetitivo, além de investimentos econômico e de tempo.

A intensa dedicação dos atletas é elemento marcante, o que faz sentido se pensarmos que este esporte configura-se como uma atividade quase que totalmente individual (as únicas exceções são os revezamentos), onde a *performance* depende, com muita ênfase, de si próprio, justificando os longos momentos passados na pista, respirando e vivendo o (e às vezes do) atletismo.

Ligada ao esporte como um importante conformador do *estilo de vida* dos atletas pesquisados estaria a *vocação* para o esporte:

Eu pedi pra minha mãe pra correr. (...) Eu disputava corrida com os meus irmãos desde pequena. Eu não lembro muito dessa época. Eu só lembro que eu pedia pra correr. E eu fui por vontade própria mesmo. (...) E eu vi que eu gostava de treinar. Adorava! Sempre gostei de treinar. Não todos os treinos, mas a maioria dos treinos eu gostava. (Juliana, ex-atleta)

Há o desenvolvimento de um *projeto* (VELHO, 1999), em que suas ações se justificam e se organizam para alcançá-lo. Aqui consideramos *projeto* como uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas.” (SCHUTZ apud VELHO, 1999, p. 40) dentro de um *campo de possibilidades*, que nada mais é do que “a dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de

projetos.” (ibidem). Ou seja, dentro das diferentes atividades que permeiam a vida dos atletas (estudo, trabalho, relações familiares, esporte, entre outras), o atletismo parece exercer um importante papel na conformação de um *estilo de vida* responsável pela “demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais.” (VELHO, 1999, p. 97). São, *projeto* e *memória*, elementos fundantes na identidade dos indivíduos, dando sentido às suas vidas, já que as visões que oferecem de futuro e passado, “situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão de etapas de sua trajetória.” (ibid, p. 101).

Compõe este processo a escolha profissional. O esporte aparece nos depoimentos como um sonho, um desejo de ganhar grande destaque e visibilidade no cenário nacional e internacional, bem como possibilidade de dedicação exclusiva à essa prática, ou seja, o desejo de ser um *atleta profissional* faz-se presente no cotidiano destas pessoas, mesmo quando se tem consciência que, objetivamente, isso não será possível.

Tipo, eu sempre sonhei em ser atleta. Desde quando era pequena. Só que eu sabia que eu não tinha condições. Tinha noção dos meus limites. Eu aprendi isso com o tempo. Desde os Joguinhos eu já sabia que não... Que eu nunca seria uma atleta em nível nacional.” (Juliana, ex-atleta)

O relato acima aproxima-se do que Guedes (1982) denominou de “carreiras frustradas” (p. 63), ao tratar da trajetória de vida de jogadores de futebol provenientes de uma comunidade do subúrbio carioca que almejavam a profissionalização nesse esporte, mas que por diferentes motivos, não a alcançaram. Para sua análise, a Autora mostra peso das contingências na carreira, que nada mais são do que “aqueles fatores dos quais depende a mobilidade de uma posição a outra” (ibidem). Guedes considerou como carreiras frustradas aquelas em que a promessa do objetivo final nunca se realiza. O mesmo parece acontecer com os sujeitos pesquisados no campo do atletismo, onde questões como *falta de talento* e *limites* surgem como justificativa para tal fato.

Mas se não é possível ser um *atleta profissional*, a solução buscada pelos pesquisados pode ser a procura de um curso superior que se aproxime do esporte, no interior do qual a experiência esportiva tenha algum significado. Assim, dos 5 sujeitos entrevistados, todos ingressaram no curso de Educação Física, sendo 3 graduados, 1 no último semestre e 1 calouro. Parece que a escolha por uma carreira que possibilite a manutenção do contato com o esporte pode estar relacionada às biografias esportivas destes sujeitos.

A área de Educação Física surge como uma possibilidade de reconversão desses atletas no campo esportivo⁷, se considerarmos que estes terão formação de professores, mas com possibilidade de também tornarem-se técnicos de atletismo, já que os longos anos de treinamento são importantes para tal, mas a vinculação ao conhecimento oferecido no ensino superior (segundo os próprios informantes) também o é. Sobre isso, vale destacar o relato de uma informante que assinala a importância de ter a experiência como atleta para um melhor desempenho profissional:

Eu dou aulas de atletismo, dou treino de atletismo. Acho que é importante... Eu sei que pra tu seres professor, pra ensinar, tu não precisas saber fazer, mas eu acho importante eu ter tido a experiência, porque eu sei quando o aluno tá cansado, eu já conheço esse cansaço que ele tem, sabe? Eu já conheço mais o esporte, até pra dar exemplo, fazer uma técnica, dar exemplo de uma técnica, não precisa ser perfeita, mas pelo menos o geral. Porque a criança olhando ela aprende mais do que ouvindo. (Juliana, ex-atleta)

Aqui fica clara a celebração da experiência e da linguagem corporais, o que corresponde ao fato de o capital corporal ser um elemento importante na construção da relação professor/aluno (de Educação Física) e talvez com mais ênfase na técnico/atleta. O técnico, por ser um ex-atleta (nesse caso), deve ser respeitado por ser mais experiente e ter um maior conhecimento da dinâmica do próprio treinamento. Algo semelhante a isso ocorre, segundo Sabino (2000), nas academias de musculação com os fisiculturistas veteranos.

Esta “solução” encontrada por nossos informantes em manter-se no esporte sem necessariamente ser atleta, aponta para uma visão mais ampla de *mercado esportivo*, em que há espaço para os atletas profissionais, mas também para os técnicos, os preparadores físicos, dirigentes esportivos, árbitros, além dos professores ocupados com a iniciação esportiva (as *escolinhas*) e com a Educação Física escolar. O que nos parece interessante, nesses casos, é que a incorporação de um *projeto de vida esportiva* é tão intensa que, mesmo quando este é frustrado, permanece como uma missão não cumprida, mas que se mantém viva subjetivamente, ganhando novos contornos e significados.

Para finalizar...

Entendemos que a análise específica de modalidades esportivas pode nos mostrar singularidades que dizem respeito às formas de subjetivação contemporâneas, incluindo dados sobre os movimentos intermitentes entre profissionalização e amadorismo que desembocam na

⁷ Uma análise sobre esta reconversão pode ser encontrada em Vieira e Vaz (2006).

forma de projetos de vida. Nesse sentido podemos dizer que os resultados encontrados em nossa pesquisa sugerem: (1) uma normalização da dor, entendida como parte fundamental da vitalidade atlética; (2) a delimitação de *estilos* e *projetos de vida*, confirmando o esporte como um demarcador importante de identidades em trânsito; (3) uma dinâmica volúvel no curso do amadorismo para o profissionalismo, com etapas intermediárias que se traduzem em estações de um projeto de vida.

Referências

- o ADORNO, T.W. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- o GUEDES, S.L. Subúrbio: celeiro de craques. In: DaMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982. p. 59 – 74.
- o SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 61 – 104.
- o WACQUANT, L. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, D. (Org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 73 - 94. Trad. Roberto Leal Ferreira.
- o VIEIRA, C.L.N.; VAZ, A.F. Experiência, esporte e formação docente em educação física. In: **III Congresso Brasileiro de Formação de Professoras e Professores**. *Anais*. Campo Largo, 18 e 19 de novembro de 2006. p. 27 – 29.
- o VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 137p.